ALGUNS ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA DE ESPAÇOS COMERCIAIS DE LONDRINA

MARIA LUIZA FAVA GRASSIOTTO[1]

GRASSIOTTO, M. L. F. Alguns aspectos da evolução da arquitetura de espaços comerciais em Londrina. *Semina*: Ci. Soc. Hum., Londrina, v. 21, n. 3, p. 31-46, set. 2000.

RESUMO: *Este artigo tem o objetivo de apresentar resultados parciais do projeto de pesquisa sob o tema "Levantamento do desenvolvimento da arquitetura comercial (promocional) de Londrina: um estudo de caso". Foi possível identificar, ao longo dos levantamentos efetuados, quatro fases na evolução dos espaços comerciais de Londrina: a fase pioneira, com arquitetura em madeira; a fase art-déco, com a arquitetura comercial apresentando elementos característicos desse estilo; a fase modernista, onde os preceitos de Le Corbusier, estão presentes nos diversos espaços comerciais desse período; e finalmente o novo ecletismo da atualidade, onde o edifício "shopping center" é o representante mais característico, incorporando todas as tendências da arquitetura contemporânea, em apenas uma edificação. Após a descrição das peculiaridades das diversas fases, faz-se considerações finais a respeito da expansão da cidade e da evolução de seus espaços comerciais, mostrando que Londrina sofre influências e comporta-se do mesmo modo que outras cidades brasileiras, passando por transformações características de uma típica cidade produzida pelo mercado. A evolução de sua arquitetura comercial nada mais é do que o reflexo deste momento que a cidade vive, sofrendo conseqüências da era da globalização, em decorrência da grande velocidade das comunicações e, neste sentido, está perfeitamente inserida no contexto nacional e internacional.*

PALAVRAS-CHAVE: *espaços comerciais; arquitetura comercial, evolução comercial; desenvolvimento do terciário; setor terciário.*

INTRODUÇÃO

O comércio apesar de ser um tema econômico, tem sido estudado sob várias óticas, dada a sua influência sobre todos os aspectos da vida humana. Pode-se encontrar trabalhos relacionados ao tema, na área de direito, história, geografia, recursos humanos, sociologia, psicologia, antropologia, marketing e outras. Em arquitetura e urbanismo, têm sido mais freqüentes os estudos com relação ao setor comercial ou terciário enfocando suas relações com o "urbano", mas no que diz respeito à arquitetura dos espaços comerciais, eles são mais escassos. É bem verdade, que com relação à arquitetura, somente com o surgimento de locais de vendas, ou de edificações comerciais mais complexas, a partir do século XIX, é que passou a ser interessante o estudo do comércio e seu tipo de espaço. As novas aspirações da sociedade capitalista de consumo, provocaram o aparecimento de espaços coletivos diferenciados como os grandes magazines, lojas de variedades, supermercados e hipermercados, até o surgimento do "shopping center", considerado por Andrë Silvestri, arquiteto estudioso sobre o assunto, como um dos três edifícios do século, ao lado dos terminais aeroportuários e dos edifícios garagens.

O mais recente trabalho relacionado à arquitetura e urbanismo, é a tese de livre docência da professora doutora Heliana C. Vargas, da FAU que aborda "A lógica do espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio" (Vargas, 2000).

Deve se colocar, que a evolução da estruturação comercial, aconteceu aos poucos, e hoje o setor terciário da atualidade é composto de uma série de categorias de acordo com a função exercida. Além do comércio varejista[2] e atacadista[3], o setor atua na prestação de serviços, em atividades educacionais, culturais, de lazer e turismo, de profissionais liberais, no sistema financeiro, administrativo, de marketing etc. (Vargas, 2000).

Novas formas de produção, principalmente em decorrência das revoluções industriais, a cada dia provocam uma série de mudanças nos espaços varejistas. O espaço público, por exemplo, aberto, coberto, ou semi-coberto, foi mudando de nome no

[1] Professora de História da Arquitetura e Desenho Projetivo, arquiteta projetista e Mestre em arquitetura e urbanismo pelo Mestrado Interinstitutional – FAU/USP – DAU/UEL, em convênio com a CAPES.

[2] *"O comércio varejista dedica-se à distribuição de produtos ao consumidor final"* (Gimpel, 1980, p.13).

[3] O comércio atacadista distribui por atacado (em grandes quantidades ao intermediário, que posteriormente distribui ao consumidor final através das vendas no varejo.

tempo e no espaço, mas sempre com a característica de ser o centro da vida social, além da comercial.

Baseado no aspecto espaço público e no tipo de estabelecimento comercial, Vargas (2000) classificou a evolução do comércio varejista em três períodos: antes do séc. XIX; o do séc. XIX; e o do séc. XX. Faz seus estudos a esse respeito, abordando aspectos internacionais e nacionais, e neste sentido, dá ênfase às características paulistanas, sendo que ainda hoje, a cidade de S. Paulo, é o motor da economia nacional e portanto, ponto de referência, para todos os setores em todo território nacional.

Com o interesse de se estudar as transformações ocorridas no edifício comercial varejista da atualidade, "*o shopping center*", face ao processo de globalização e internacionalização da economia e da cultura, no Brasil e mais especialmente na região de Londrina, cidade média de aproximadamente 500.000 habitantes, este artigo, dá destaque a alguns resultados parciais relativos a um projeto de pesquisa, tendo em vista o levantamento do desenvolvimento da arquitetura de espaços comerciais na cidade.

A cidade de Londrina tem sido objeto de vários tipos de estudos, com relação a sua origem e desenvolvimento de ordem histórica, geográfica, urbana, e econômica, mas com relação a aspectos de sua arquitetura comercial, e sua evolução, pouco se conhece, o material é escasso, e existe muito campo para pesquisa. É nesta área, que este trabalho, procura dar sua contribuição.

O trabalho iniciou-se através de estudos da literatura concernente ao assunto, tendo em vista um embasamento teórico para a pesquisa. Em seguida, escolhidas as amostras, iniciou-se o levantamento de projetos e fotográfico do centro comercial de Londrina, incluindo os shoppings Catuaí e Royal Plaza. O estudo teve ainda como base a opinião de profissionais ligados à área como empresários, arquitetos, engenheiros, comerciantes lojistas e também do usuário consumidor.

Foi possível identificar quatro fases na evolução dos espaços comerciais de Londrina: A fase *pioneira*, foi uma época onde as construções eram em sua maioria feitas de madeira, como arquitetura característica; a segunda fase, onde as edificações já eram de alvenaria, com utilização de características do *art déco*; a terceira fase aborda a incorporação de preceitos *modernistas* na arquitetura dos espaços comerciais; e a quarta fase, diz respeito à fase do *ecletismo* atual, onde pode-se encontrar em um mesmo edifício, várias tendências da arquitetura contemporânea.

A FASE PIONEIRA

Londrina, desde seu princípio, surgiu em localização estratégica, centro de uma região, ligação entre as cidade do norte (Maringá, Arapongas, Paranavaí e outras) e as grandes capitais (São Paulo, Curitiba e Campo Grande). Em decorrência disso, desenvolveu sua vocação como entreposto comercial, e ao invés de se industrializar, cresceu como prestadora de serviços, centro regional de compras, cultura e lazer.

Sua área de influência representa cerca de 4,5 milhões de habitantes, e a população de sua área metropolitana, (Cambé, Ibiporã, Jataizinho, Londrina, Rolândia e Tamarana) é de 623.758 (Londrina em Dados, 2000).

A cidade possuía em 1998, 12.670 estabelecimentos comerciais e 11.674 estabelecimentos de serviços, sem contar o número de hotéis (37) e o grande número de restaurantes (236) (Londrina em dados, 2000). A população da sede é totalmente abastecida de água (100%), possui 16 emissoras de rádio (6 FM e 10 AM), 5 canais de televisão, 3 distribuidoras de sinais de TV por assinatura, 8 teatros, 40 auditórios, 18 bibliotecas públicas, 11 cinemas. (Londrina em dados, 2000)

A área médica sempre foi um dos setores de projeção nacional e até mesmo internacional, tendo como base a escola de medicina da Universidade Estadual de Londrina composta de docentes profissionais de alto nível técnico. A escola administra ainda um Hospital Universitário, local de residência médica, e que juntamente com mais 15 hospitais, oferecem quase 1.500 leitos, para servir a população. Pessoas não só do Brasil, mas também da América Latina, para aqui se deslocam, em busca de atendimento nas mais variadas especialidades (Grassiotto, 2000).

O setor educacional também se apresenta como um dos fatores de atração da cidade, principalmente no que diz respeito ao ensino terciário, contribuindo para o alto padrão de vida da população. Abriga cinco instituições de nível superior onde as maiores são a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e o Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON). Mais de 60% dos alunos são de fora, de regiões diversas do interior do Paraná e do Estado de S. Paulo, como Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Assis, Baurú, Bastos, e muitas outras. Com a instalação de mais cursos universitários como os das Faculdades Metropolitanas, e PUC de Curitiba e mais algumas promessas, Londrina tende a se transformar em uma cidade universitária. Um grande contingente

de estudantes universitários, mesmo hoje, trazem riqueza para a cidade e se constituem em consumidores de alta renda, para os diversos atrativos aqui existentes. Dessa forma, Londrina já pode ser considerada, uma referência no setor de turismo científico, no aspecto artístico e cultural, sediando eventos e congressos nos mais variados segmentos.

> *Como entreposto comercial, foi desde seus primórdios, ponto de compra e venda dos principais produtos agrícolas, principalmente centro de exportação de café via Santos, e centro distribuidor e atacadista de produtos diversos vindos de todas as regiões brasileiras e importados de várias capitais internacionais* (Grassiotto, 2000, p. 183).

Localizada no terceiro planalto, uma das cinco regiões naturais do Paraná, Londrina localiza-se numa região extremamente fértil, de terra roxa, advinda da decomposição basáltica, muito propícia à agricultura, e faz parte da região Norte do Paraná.

O povoamento do norte, começou fora dessa região, e as primeiras penetrações cruzaram o médio e o alto Itararé em 1860. Em 1862, ele iniciou-se pela colônia mineira de Siqueira Campos, e o povoamento progrediu de leste para oeste. Com os primeiros habitantes de Jacarezinho (1900) e Cambará (1904) começou a ocupação do terceiro planalto, ocorrendo nesse período, a invasão do café, com o surgimento de fazendas nos mesmos moldes paulistas (Bernardes, 1952).

Ourinhos, cidade fronteiriça entre os estados de S. Paulo e Paraná, em 1908, tornou-se a porta de entrada do norte do Paraná, com a estrada de ferro Sorocabana. O interesse particular aí apareceu, com o início do trabalho da CTNP (Cia. de Terras Norte do Paraná), colonizadora. Esta, adquiriu os interesses do ramal ferroviário e começou o prolongamento da estrada de ferro que em 1935 atingiria Londrina (França,1960). Do pequeno núcleo militar de Jataí de 1855, desmembrou-se Londrina.

Lord Lovat (Simon Joseph Fraser), quando em passeio pelo norte do Paraná, hóspede da fazenda "Água do Bugre" em Cambará, deparou-se com os solos de terra roxa, considerados como sendo de grande fertilidade para cafezais (França, 1960). Auxiliado por homens como o escocês Arthur Thomas, percebeu a possibilidade de grande expansão agrícola e industrial, para a região. Visando terras para a cultura do algodão, em substituição à matéria prima do Sudão, alguns empresários ingleses adquiriram 515.000 alqueires paulistas. A compra se deu parte em 1925 e parte em 1927, e a área foi loteada em pequenas propriedades.

> *Fundaram a "Paraná Plantations Company" que percebendo a importância de boas vias de comunicação desdobrou-se em duas subsidiárias: A Cia. de Terras Norte do Paraná, que trataria da colonização e a Cia. Ferroviária São Paulo – Paraná, que comprando o ramal estenderia os trilhos até as zonas de loteamento* (Grassiotto, 2000, p. 185).

O eixo de colonização da cidade foi o espigão divisor de águas do Ivaí / Paranapanema (rodoviário e ferroviário) e a distância entre os núcleos de colonização foi de 15 km. Iniciado em 1933, o loteamento seguiu planos pré-determinados, com lotes implantados dos espigões para os vales, frente para a aguada e estradas, e extensão média de 16 alqueires paulistas (França, 1960).

Em 1939 a Paraná Plantations Company acabou por perder a estrada de ferro, foi encampada pelo governo federal e a CTNP foi vendida a um grupo paulista, a "Cia. Melhoramentos Norte do Paraná". Mesmo sob nova administração, a orientação não mudou, sendo dessa fase a fundação de Maringá, Apucarana, Mandaguari, Pirapó, etc..

A partir daí, outras iniciativas particulares e oficiais prosseguiram a colonização da região até nossos dias.

Londrina, cujo nome homenageou seus fundadores londrinos, apareceu como sede em 1929, em 03/12/1934, foi elevada a município e sua instalação oficial aconteceu no dia 10 do mesmo mês.

A partir de 1936, com a chegada da estrada de ferro até a cidade, em decorrência da construção da ponte sobre o Tibagi, o desenvolvimento aconteceu rapidamente, foi um fator impulsionador da região do norte novo para onde

> *o acesso de novos contingentes de população só era possível através de balsas e cabo aéreo sobre o Tibagi e onde o escoamento (para Santos) da produção cafeeira de uma região de colheitas promissoras, era até então feito com dificuldades* (Grassiotto, 2000, p. 186).

Após uma ano de instalação, a nova estrada de ferro passou a ser a primeira mais movimentada do interior do Paraná e de São Paulo, devido ao volumoso escoamento de produção agrícola. O café, foi o produto impulsionador, que acabou por projetar a cidade no cenário nacional como "Capital Mundial do Café".

Vários fatores explicam o seu progresso (Grassiotto, 2000, p.186):

> *a) a localização privilegiada, quanto à posição geográfica com relação a S. Paulo, R. Janeiro, Curitiba, Paranavaí, Umuarama, Campo Mourão,*

Campo Grande, etc.; b) a colonização com venda de lotes rurais formando pequenas propriedades (16 alqueires aproximadamente); c) a fundação dos núcleos urbanos com mais ou menos 15 km de distância entre eles, visando a manutenção dos núcleos integrados ao sistema de circulação; d) a presença do "paulista" como elemento humano introduzido com a cultura do café, que vinha do interior de S. Paulo em sua marcha para oeste; e) o planejamento de uma espinha dorsal de penetração leste-oeste, BR-369, e criação de uma ferrovia para escoamento da produção para Santos; f) os fatores físicos de solo, clima, topografia, etc.; g) e principalmente o grande espírito empreendedor inglês que com sua capacidade e visão do futuro pode promover a arrancada para o desenvolvimento, que fizeram desta região um dos mais promissores polos econômicos nacionais.

Londrina por ter sido projetada para uma população de 20.000 habitantes, sofreu grande impacto com o rápido desenvolvimento rápido, e hoje conta com perto de 500.000 habitantes incluindo os distritos.

A planta da cidade de Londrina surgiu com a forma sudeste-noroeste de traçado quadrangular, em forma de tabuleiro de xadrez em sua primeira fase, o que explica a existência de inúmeras ladeiras (Figura 1, 2). O espigão foi escolhido para o assentamento, onde o nascimento de vários córregos foi considerado como um ótimo sítio urbano. Sua localização foi então decorrente da topografia, ao problema da água e à drenagem local.

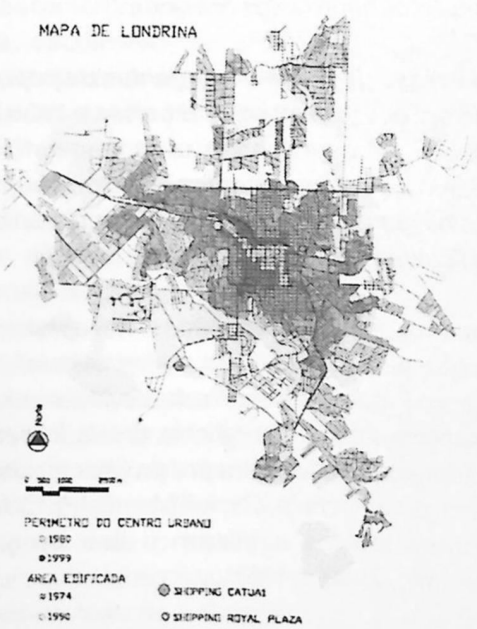


Figura 1 – Perímetro do centro urbano.
Fonte: Pesquisa AUP 838, Mestrado Inter-institucional FAU-USP/DAU-UEL, 1999.

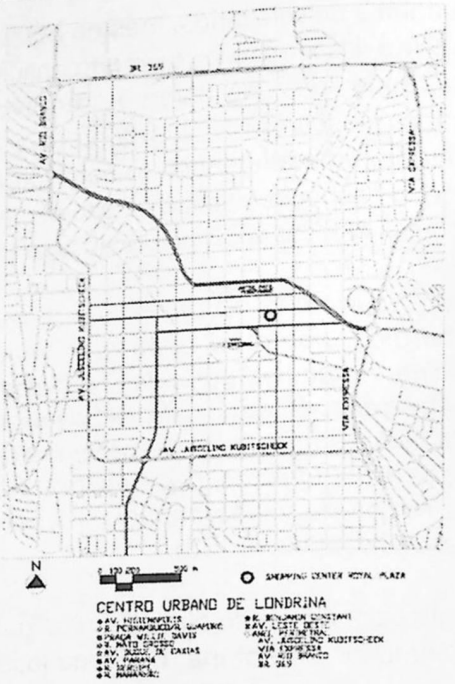


Figura 2 – Centro Urbano de Londrina.
Fonte: do autor, 2000.

O arruamento inicial da cidade foi feito pelo engenheiro Alexandre Rasgulaeff (Schwartz, 1997). A Av. Paraná foi a primeira rua, uma continuação da rodovia que vinha de Ibiporã e ia em direção a Cambé (Figura 3). As primeiras construções se instalaram no cruzamento dela com a Marechal Deodoro, esta era a via de acesso ao Heimtal, hoje pertencente ao município. A colonização seguiu de leste, pela Av. Paraná em direção à praça Willie Davis e daí para oeste em direção a Cambé.

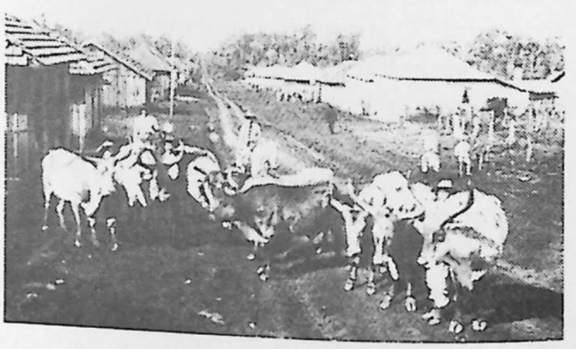


Figura 3 - A avenida Paraná em 1935.
Fonte: 50 anos fazendo a história de Londrina. *Boletim Associação Comercial*, Londrina, p. 5, jun. 1987.

A região entre a Av. Paraná e a linha férrea foi a que mais se desenvolveu (Grassiotto, 2000). A estrada de ferro, foi desde os primórdios da cidade, uma barreira, favorecendo o desenvolvimento de uma região de classes populares ao *norte* e outra de classes abastadas ao *sul*, área mais propícia à expansão, do lado do centro.

A 300 m da catedral, o pátio ferroviário localizava-se no "centro principal" da cidade situado entre as ruas Benjamin Constant, atual Leste-Oeste, Duque de Caxias e Pernambuco. O antigo leito da via férrea (Leste-Oeste) foi retirado deste local e o pátio foi transferido para o distrito industrial (CILO II – centro industrial de Londrina II), tendo sido desativado em 1982 (Grassiotto, 1980).

> *A primeira vila loteada foi a Agari, na saída de Cambé em 1936. Em 1937 e 1938 surgiram outras, as vilas Conceição, Monteiro, Boa Vista, Casoni, Nova Agari, Matos, Vitória, Zanetti, etc.. Todas elas ao norte e a leste da cidade, num traçado desordenado, em regiões baratas da área urbana* (Grassiotto, 2000, p.188).

A segunda guerra mundial refreou o crescimento de Londrina, que sofreu também a primeira grande geada nos cafezais em 1942, e somente a partir de 1944, com a nova valorização do café, é que começaram a surgir novas vilas em 1946, já fora do tabuleiro de xadrez (Grassiotto, 1980). A construção das praças Willie Davis e Gabriel Martins data de 1944 (Schwartz, 1997).

Com o objetivo de coibir o crescimento desordenado e favorecer a valorização dos vários terrenos urbanos, em 1948, foi feito pela prefeitura, um plano urbanístico para a cidade, visando também seu adensamento. Isso, veio a propiciar um novo desenvolvimento, que foi marcante a partir de 1952 – 1953 com o auge da economia cafeeira (Grassiotto, 1980).

Desde os primeiros tempos da cidade, as áreas funcionais foram se delineando, mas sem planejamento, elas aconteceram naturalmente. Ao mesmo tempo que se expandiam as áreas residenciais, se expandiam também os outros setores, comercial, de serviços e industrial.

A primeira zona comercial de Londrina, localizou-se entre a estrada de ferro e a avenida Paraná, mas não foi exclusivamente comercial. Nesta mesma região se instalaram, como já foi dito, as primeiras residências, à leste da Marechal Deodoro, a zona mais antiga.

Nesse primeiros anos as construções eram de madeira, mostrando uma arquitetura pioneira, vernacular, utilizando soluções formais adaptadas às condições do momento. O primeiro ciclo foi o da madeira e refletiu diretamente sobre a urbanização e as construções dos anos 30 e 40 alcançando até mesmo os anos 50, e também na exportação. Segundo Antonio Carlos Zani, *"A Igreja, o hospital, o hotel, o comércio e as casas, na sua maioria, eram edificadas em madeira"* (*apud* Schwartz, 1997, p. 10). As primeiras construções eram *"toscos ranchos de palmito*[4]*"*. As casas eram feitas com madeira serrada, sendo as de alvenaria raras. Estas passaram a existir com mais intensidade, a partir dos anos 50, atestando a riqueza da cidade.

O primeiro comerciante estabelecido foi David Dequêch com sua "Casa Central" em 1932, quando Londrina ainda fazia parte do Patrimônio Três Bocas. Instalou-se na esquina das Av. Paraná e Duque de Caxias, numa casa de madeira, derrubada em 1953, que servia como loja, e também como residência (a segunda do perímetro urbano – Figura 4). A Casa Central, como era chamada, *"vendia tudo: tecidos, cereais e até pinga. Vinham tropas comprar. Entravam no patrimônio armados de facão, revólver e até carabina no arreio"* (Schwartz, 1997 p. 18). Em 1933, a primeira missa da cidade foi celebrada no depósito do armazém do Sr. Dequêch.



Figura 4 - Primeira casa comercial de Londrina: "Casa Central de David Dequêch".
Fonte: 50 anos fazendo a história de Londrina. *Boletim Associação Comercial*, Londrina, p. 18, jun. 1987.

Juntamente com a loja de David Dequêch, apareceu a de Alberto Koch, que também trabalhava com a venda de secos e molhados, ferragens, fumo e tecidos em geral (Figura 5). A maior parte das lojas dessa época, eram de artigos diversificados incluindo os de primeira necessidade. Os estabelecimentos mais especializados foram surgindo aos poucos, e se constituíram nas farmácias, alfaiatarias, marcenarias e salões de barbearia, onde também se vendiam brinquedos e armarinhos.

[4] Extraído do texto que aborda diversos aspectos da cidade – "Álbum do Município de Londrina" de 1938, p. 66 de autor desconhecido. Relato da Associação Comercial e Industrial de Londrina, pesquisa de diversas fontes como: depoimentos de pioneiros; relatórios; jornais e publicações; informações ordenadas para relatar aspectos gerais da comunidade pioneira e atual de Londrina.



Figura 5 – Casa Comercial Albert Kock na rua Hemital. Fonte: 50 anos fazendo a história de Londrina. *Boletim Associação Comercial*, Londrina, p. 20, jun. 1987.

FASE ART DÉCO

Após a temporada de predomínio de construções em madeira, as edificações em alvenaria, acompanharam o estilo que se usava nas cidades paulistas, e capitais brasileiras da época (de 1920 a 1940), o "art déco", última fase do ecletismo nacional, na busca de uma nova identidade. Segundo o Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, 1997), o art déco no Brasil está situado na fase de interseção entre o *ecletismo*[5] do séc. XIX e o *modernismo* dos primórdios do séc. XX. Aqui em Londrina esse tipo de edificação foi construída até a década de cinqüenta, quando foi substituída pela estética modernista.

Como o próprio nome diz, "art déco" se define como arte de estilo decorativo de caráter internacional. São motivos recorrentes do estilo, os cachorros, lebres e cervos em movimento veloz, buquês de rosa e temas florais, repuxos d'água, banhistas, sempre com utilização de linhas onduladas e motivos geométricos de círculos, retas e quadrados (Rio de Janeiro, 1997). Na arquitetura aparece na forma de baixos ou altos relevos em massa, pinturas diversas, composição de planos verticais e horizontais, frisos e cornijas, molduras de janelas, gradis, detalhes em sacadas e varandas, balcões e floreiras, com valorização de acessos e portarias. Acontece compondo uma matriz clássica, com simetria axial e valorização do acesso centralizado ou da esquina no plano horizontal; e no plano vertical, apresenta-se com a também clássica tripartição da valorização da base e do coroamento da edificação, passando pelo corpo, este, com maior simplicidade de detalhes.

Em Londrina aparece, como a tendência brasileira, com uma caracterização marcadamente geométrica, escalonada ou em zigue-zague, e também de forma sinuosa e aerodinâmica. Fazem parte do período *art déco* as Casas Combate (Figura 6), a Loja Wanderley, a Padaria Alemã, e a Sapataria Sorace. Na rua Maranhão entre Minas Gerais e Mato Grosso, surgiu a primeira farmácia.

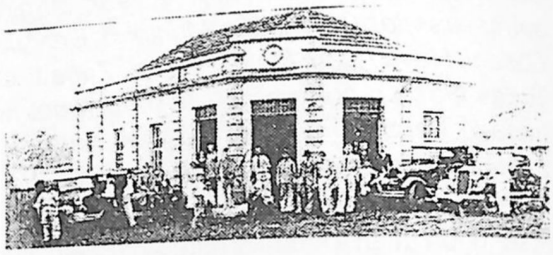


Figura 6 – Casa Combate (fazendas, armarinhos, roupas feitas, ferragens, tintas e miudezas em geral). Fonte: 50 anos fazendo a história de Londrina. *Boletim Associação Comercial,* Londrina, jun. 1987.

Data de 03/02/1935 a inauguração das Lojas Pernambucanas, bem no centro da cidade, na esquina da Av. Paraná com a rua Mato Grosso (Figura 7). Os espaços comerciais desse momento, se instalaram nas imediações das ruas: Minas Gerais; Maranhão; Mato Grosso; Bahia; Sergipe; e avenidas Rio de Janeiro e Paraná. Em 1936 apareceu a Fuganti, Fontana & Cia. na Av. Paraná, trabalhando inicialmente com artigos de couro e calçados e posteriormente com ferragens, armas, munições, secos e molhados (Figura 8). Em 1940, foi substituída pela loja "Irmãos Fuganti", o primeiro grande magazine, ou loja de departamentos de Londrina, que passou a oferecer uma enorme variedade de produtos, incluindo tecidos, armarinhos, ferragens, louças, vidros, artigos para presentes etc. (Schwartz, 1997). Nos anos 80, teve que fechar suas portas, em decorrência de diversos fatores, entre os quais a morte dos principais diretores e conseqüente dispersão das atividades dos familiares herdeiros e também em virtude das mudanças no setor comercial.

Acompanhando a expansão residencial, apareceram estabelecimentos de ensino, agências bancárias [em 1936 a Caixa Econômica Federal (Figura 9); e em 1938, o primeiro banco paulista, o

[5] Palavra com sentidos diversos: por um lado, refere-se ao período do séc. XIX onde aparecem uma série de "revivals" como o neogótico, o art nouveau, e outros, até o aparecimento do modernismo (sentido de sua utilização neste trecho); por outro lado, pode ser utilizada como um estilo em si. Segundo o Dicionário Básico da Língua Portuguesa (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Folha de S. Paulo, Ed. Nova Fronteira, 1995) "eclético" significa *"formado de elementos colhidos em diversos gêneros ou opiniões"*. Em arquitetura, haveriam então mais dois sentidos: 1) a convivência com uma multiplicidade de estilos e a possibilidade de se optar por um deles; 2) a utilização de vários estilos em apenas um edifício (sentido utilizado em referência à quarta fase "eclética" da evolução dos espaços comerciais de Londrina).

Noroeste de S. Paulo (Figura 10)], grandes firmas de compra venda e exportação de café (American Coffee Corporation) e outras (Grassiotto, 1980). Dessa fase ainda, podemos citar: a Farmácia Nossa Senhora Aparecida (Figura 11); a Farmácia São João (Figura 12); a agência Chevrolet (Figura 13); o Hotel Paulista (Figura 14); a Casa Preferida (Figura 15); a Casa Azul de secos e molhados; a Casa São Miguel de armarinhos; e a empresa rodoviária Garcia & Garcia, atual viação Garcia, segunda maior empresa de transportes rodoviários, de nível nacional na atualidade (Grassiotto, 2000).



Figura 7 – As Casas Pernambucanas em 1935.
Fonte: 50 anos fazendo a história de Londrina. *Boletim Associação Comercial*, Londrina, p. 19, jun. 1987.

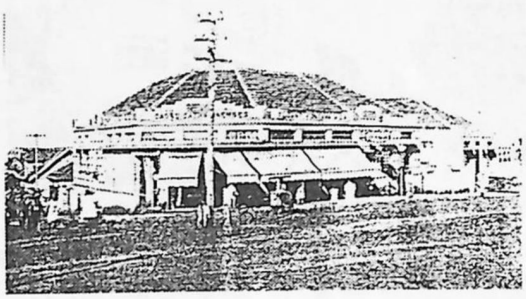


Figura 8 – Fuganti, Fontana & Cia.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.



Figura 9 – Primeira Caixa Econômica Federal.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.

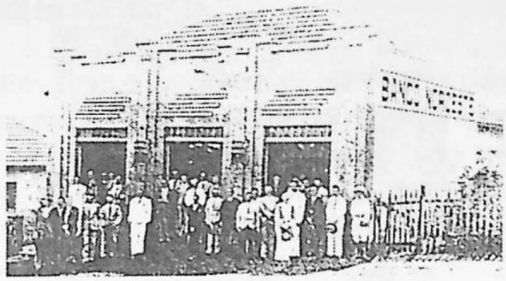


Figura 10 – Primeiro Banco Noroeste do Estado de S. Paulo.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.



Figura 11 – Farmácia N. Sra. Aparecida.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.

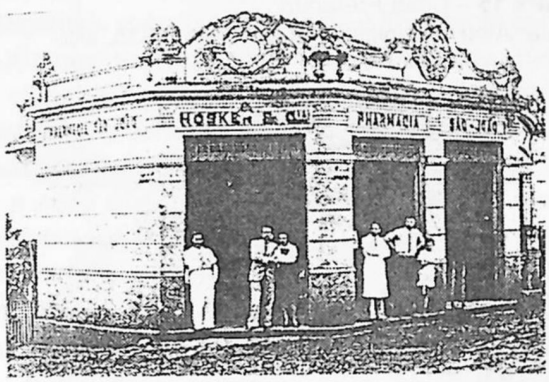


Figura 12 – Farmácia S. João.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.

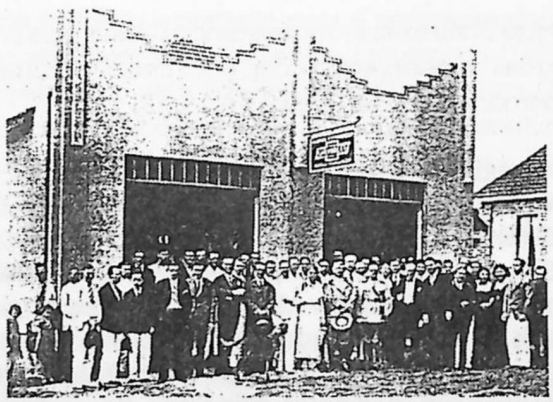


Figura 13 – Agência Chevrolet.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.

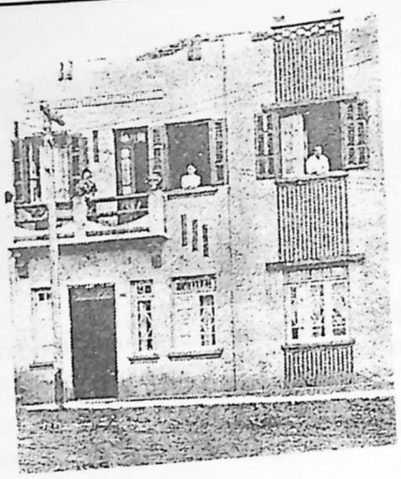


Figura 14 – Hotel Paulista.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.

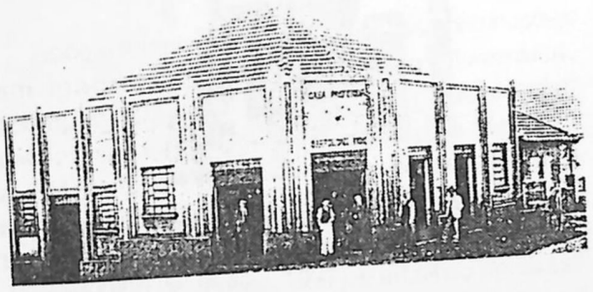


Figura 15 – Casa Preferida.
Fonte: Álbum Município de Londrina, 1938, s/p.



Figura 16 – Viação Garcia.
Fonte: Folha de Londrina, 30 de nov. 1999.

Hoje ainda existem reminiscências dessa fase art-déco das primeiras edificações, entre os edifícios mais modernos da cidade. (Figura 17, 18, 19)

> *A segunda zona comercial, localizou-se na Praça Willie Davis, avenida Paraná, entre as ruas Mato Grosso e Pernambuco, e também nas ruas Sergipe e outras próximas à avenida Paraná, região de comércio mais fino, onde até hoje existem casas comerciais de todos os ramos, que nada devem às grandes cidades e que constituem o "centro principal" da cidade* (Grassiotto, 2000, p. 192).

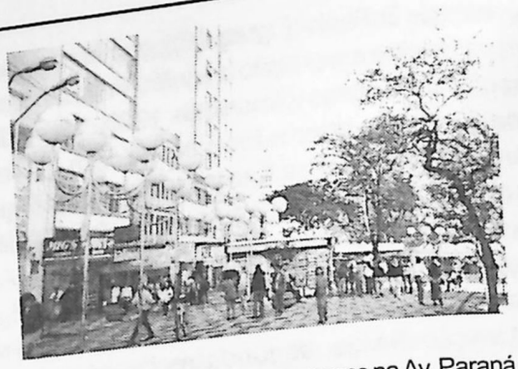


Figura 17 – O art déco ainda permanece na Av. Paraná atual.
Fonte: foto do autor, set. 2000.



Figura 18 – O art déco na Av. Paraná, e em amarelo as Casas Pernambucanas.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

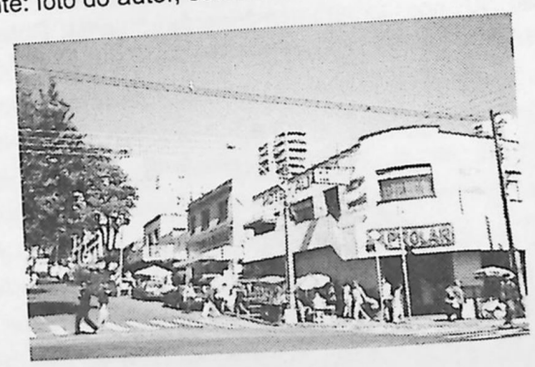


Figura 19 – A esquina da Benjamin Constant com Av. São Paulo.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

Na região da avenida Paraná até a estrada de ferro, ao sul do antigo pátio ferroviário, se formou uma área mista, residencial, comercial e também industrial. Somente com o desenvolvimento é que as indústrias foram se mudando para outros locais específicos e mais periféricos. No setor leste da cidade, se instalaram os depósitos de cereais, café, máquinas, serrarias, fábricas, etc..

A zona residencial mais elegante, desde os primeiros tempos, se localizou ao *sul* e a *oeste*. A avenida Higienópolis, que corta a cidade de norte a sul, abrigou as primeiras residências dos homens ilustres, que mais se sobressaíram, os barões do café daquela época. Hoje, estas edificações constituem uma amostra daquela fase eclética da arquitetura brasileira, quando essas mansões,

atualmente espaços comerciais, foram construídas com inspiração nos exemplares das avenidas Paulista e Brasil, de S. Paulo.

A atividade comercial se firmou definitivamente no município, com a instalação de grandes empresas atacadistas aqui e nas cidades à oeste. Para confirmar a vocação comercial da cidade, a Associação Comercial de Londrina foi fundada em 05/06/1937 e em julho instalou-se na rua Mato Grosso número 710 em sede própria primeiramente em edificação de madeira, tendo como primeiro presidente, o Sr. David Dequêch, também primeiro comerciante, conforme já mencionado. Depois de 1940, tendo ocorrido um movimento para a construção de uma sede maior, esta foi inaugurada em 31/01/42 fazendo parte das construções em estilo "art decó" (Figura 20). Em 05/07/76, a Associação muda-se novamente, para os primeiros andares do Edifício Palácio do Comércio, edifício com características modernistas, construído dentro da mais nova tecnologia existente na época (Figura 21) (Schwartz, 1997).

É interessante se comentar, que o primeiro jornal da associação comercial surgiu em dezembro de 1962 e parou de funcionar em 1988 após 26 anos. Ao longo desse anos, retomou e cessou as atividades inúmeras vezes inclusive mudando de nome. Atualmente é publicado com o nome de ACIL Forte (Associação Comercial e Industrial de Londrina Forte) (Schwartz, 1997).



Figura 20 – A 2ª sede da ACIL (Associação Comercial e Industrial de Londrina).
Fonte: Boletim Associação Comercial: 50 anos fazendo a história de Londrina, jun. 1987, p. 7.

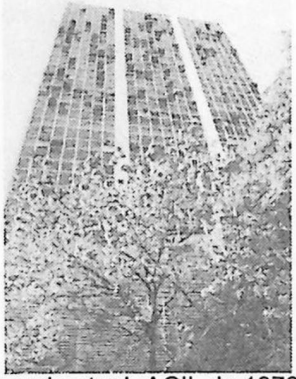


Figura 21 – A sede atual ACIL de 1976.
Fonte: Boletim Associação Comercial: 50 anos fazendo a história de Londrina, jun. 1987, p. 7.

FASE MODERNISTA

Em 1950, o número de casas comerciais era maior do que a população de Londrina comportaria, fato já explicado naquele momento, pelo enorme fluxo diário de pessoas, advindas de cidades vizinhas, o que já sinalizava sua função de polo de uma região maior, com grande contingente populacional (Grassiotto,2000).

Conforme já comentado, as primeiras edificações surgiram ao redor da avenida Paraná, o centro antigo. De 1945 a 1950 a expansão predominante ocorreu para o norte, provocando a expansão de regiões populares.

De 1950 a 1955 a expansão maior foi para NO (noroeste), acompanhando a estrada do espigão, a Av. Tiradentes, ligação entre Londrina e Cambé. É desta época o primeiro loteamento dirigido às classes mais abastadas, o Jardim Shangri-lá. As casas aí levantadas, desde o início mostraram características da vanguarda daquele momento, ou seja, elementos da arquitetura moderna. Foi um bairro de difícil desenvolvimento, e a partir de 1960, apesar de haver continuidade de crescimento na direção noroeste, a tendência da expansão da cidade, principalmente com o aparecimento dos bairros elegantes, voltou-se para oeste e finalmente para o sul, o que permanece até hoje. (Grassiotto, 1980)

De 1965 a 1970, o Campus Universitário se instala no quadrante SO (sudoeste), abrindo caminho para a expansão do centro tradicional nessa direção, e a cada melhoramento ou intervenção feita pela prefeitura ao longo dos anos, cristaliza-se a tendência de crescimento S/SO (sul-sudoeste), para as camadas sociais mais elevadas restando o N (norte), para as camadas sociais mais baixas.

Pode-se citar alguns projetos, que fizeram com que esse direcionamento de expansão se cristalizasse: a construção da via expressa, avenida de 8,5 km que cortou a cidade de norte a sul, ligando a BR-369 à PR-445, ao longo do ribeirão Cambezinho, que foi muito importante para a complementação do anel perimetral, até então incompleto (1975), constituído pela BR-369, Av. Rio Branco, Av. Juscelino Kubitscheck (J.K., antiga Antonina), rua Jacarezinho, vale do córrego das Pombas e Av. Presidente Wilson. Veio a integrar a malha urbana com muitas obras complementares como viadutos, canalização de córregos, obras diversas de drenagem, urbanização e saneamento; a construção da via expressa (Av. 10 de Dezembro), também não aconteceu por acaso, foi uma prioridade para resolução de problemas viários e integração urbanística da cidade, que a partir desse momento pode expandir-se para o sul, sudoeste, ou mesmo

norte, desencadeando novos negócios imobiliários; deve-se mencionar ainda o projeto CURA (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada), iniciado em 1973, que previa a integração à malha urbana de áreas a serem saneadas com erradicação da esquistossomose, canalização de córregos, revestimentos de taludes, obras de proteção e transposição de bueiros, barragens e galerias pluviais, e pavimentação das ruas dentro da área de abrangência. Seu objetivo, colocado no plano diretor de Londrina 1968, era além de realizar as obras mencionadas, criar zonas diferenciadas de recreação, através de praças com localização estratégica (próximas de escolas), com equipamentos de play-ground, pista de patinação, área de ciclismo etc., para acelerar o desenvolvimento de áreas urbanas estagnadas por falta de infra-estrutura e obras públicas (Grassiotto, 1980).

É interessante comentar, que foi a partir desse projeto CURA, que o lago Igapó, passou a ser o cartão postal da cidade, pois com a construção da barragem e a posterior urbanização dos arredores (com projeto de Burle Marx), fizeram com que o local se transformasse numa zona especial de chácaras e casas de fins de semana da alta burguesia, instalada no final da Higienópolis, região sul – sudoeste da cidade. Para esta região, também mudou-se a prefeitura nos finais de 1982, fortalecendo a tendência de expansão da cidade nessa direção.

Londrina passou por um intenso processo de verticalização nas décadas de 50, 60 e até 70, que provocou o surgimento em profusão de edifícios em concreto e vidro, modernistas, inspirados nos princípios de Le Corbusier. O processo teve início a partir de dois projetos de Vilanova Artigas, a renomada rodoviária, hoje museu de arte moderna (obra tombada), e o edifício Autolon.

Fazem parte dos preceitos de Le Corbusier os seguintes pontos principais: a elevação da obra sobre pilotis de concreto, com a conseqüente circulação de pedestres nesse novo espaço; a planta livre, a estrutura independente, as grandes janelas de vidro horizontais, o terraço jardim e a utilização de "brises soleil"[6].

Londrina, passou a contar então, com exemplares construídos dentro dessa nova tendência arquitetônica. Podemos citar o Centro Comercial, a Galeria Vila Rica, o Tuparandi, o Ribeiro Penna e muitos outros edifícios que passaram a abrigar em suas galerias, sob pilotis, as novas lojas e boutiques do momento (Figura 22, 23, 24, 25).

Era o início do comércio coberto (galerias) também em Londrina, acompanhando as tendências internacionais, que viriam a deflagrar o novo edifício comercial: o shopping center. Este momento de transição, também trouxe para a cidade alguns exemplares dos grandes magazines, fazendo parte das redes que se instalaram nacionalmente, como a Mesbla, a Lojas Americanas, a Lojas Brasileiras e outras posteriores.



Figura 22 – Galeria modernista Centro Comercial.
Fonte: foto do autor, set. 2000.



Figura 23 – Galeria modernista Centro Comercial 2.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

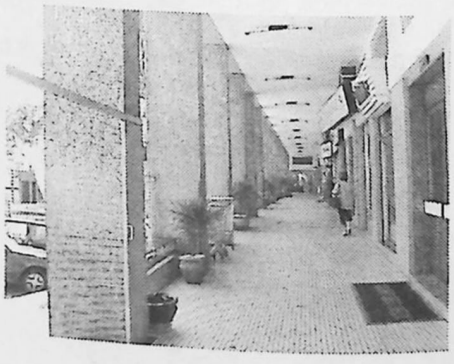


Figura 24 – Galeria modernista Centro Comercial interior, os pilotis.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

[6] placas horizontais ou verticais, de materiais diversos, utilizadas para maior controle da incidência dos raios solares e ventilação, visando um maior conforto ambiental.



Figura 25 – Galeria Vila Rica interior.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

Hoje o centro principal tradicional expandiu-se para a Higienópolis, reduto comercial das elites, e vai ultrapassando o Igapó, pela rua Madre Leonia Milito, em direção ao shopping center Catuaí, inaugurado em 1990, na periferia da cidade. A função residencial das antigas mansões foi gradativamente sendo substituída pela comercial, e a arquitetura dessa rua, representada pelas formas renascentistas, historicistas, mouriscas, alemãs e suíças, "revivals do séc. XIX", deu lugar a alterações em direção às formas modernistas, pós-modernistas, de alta tecnologia, ao novo ecletismo da atualidade (Figura 26).



Figura 26– A Av. Higienópolis atual.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

O primeiro shopping center que se instalou em Londrina, foi o Com-Tour Shopping Center, inaugurado em 23 de outubro de 1973, com 13.289,12 m^2 de área construída num terreno de 20.734,00 m^2. Foi o segundo shopping a ficar pronto no Brasil, atrás apenas do Iguatemi de São Paulo, e pioneiro no Paraná. Londrina contava na época com 200.000 habitantes.

Foi empreendimento de 1965 da Alvorada Construtora e Incorporadora, que ao vender lotes do Parque Alvorada, reservou uma quadra para a construção do shopping. A venda de cotas condominiais (mais ou menos 8.000) viabilizou financeiramente a construção, que levou aproximadamente cinco anos para ficar pronta, de 1968 a 1973. Durante a obra, infelizmente ocorreu a falência da construtora Alvorada.

O projeto original do shopping foi inspirado no Dadeland de Miami, com arquitetura modernista, que permitia ventilação natural, com circulações ortogonais, descobertas, com utilização de concreto, vidro, curvas e muita área verde. (Figura 27, 28, 29, 30)



Figura 27– Com Tour Shopping Center fachada, a curva e o concreto.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

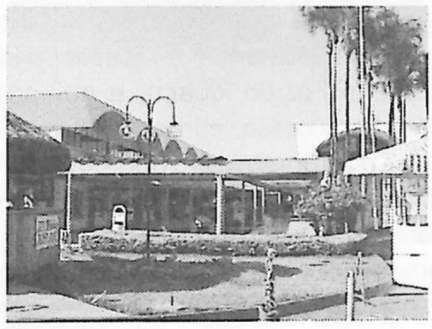


Figura 28– Com Tour Shopping Center fachada 2, paisagismo.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

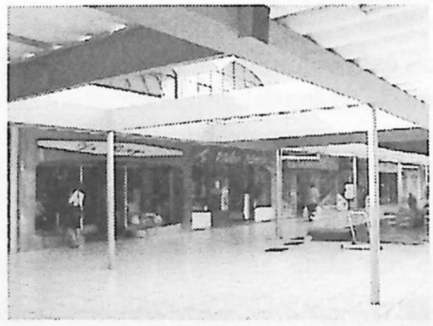


Figura 29– Com Tour Shopping Center circulações abertas.
Fonte: foto do autor, set. 2000.



Figura 30– Com Tour Shopping Center circulações internas.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

Foi concebido como shopping regional, tendo como âncora o supermercado Pão de Açúcar, um posto de gasolina, um cine-teatro, e um mix de lojas variadas incluindo farmácia, padaria, uma loja de móveis, duas ou três lojas de roupas e uma loja de calçados, que foi a única com proprietários de Londrina.

Como a cidade não contava na época, com empresários comerciantes suficientes para ocupar o novo shopping, através de um eficiente trabalho de marketing, todos os espaços foram alugados em um mesmo dia, para firmas de fora, principalmente São Paulo.

Previa-se uma grande área de atração, abrangendo desde o norte e sudoeste do Paraná, até Cascavel e Foz do Iguaçu, e nos primeiros tempos foi um sucesso, cumprindo os objetivos iniciais. A "Lojas Brasileiras", que durante muitos anos funcionou em terreno anexo, chegou a desempenhar também o papel de âncora, além disso, foi o primeiro shopping da América Latina a se associar ao Conselho Internacional de Shopping Centers, com sede em Nova York. O shopping Com-Tour, não tendo sofrido grandes alterações estruturais em suas dependências, até hoje se constitui num digno representante dessa fase da arquitetura moderna em Londrina.

O NOVO ECLETISMO

Os dois espaços principais, que traduzem esse novo momento da arquitetura comercial em Londrina, onde podem se encontrar todas as tendências arquitetônicas em um mesmo edifício, são os shopping centers Catuaí e Royal Plaza.

Segundo a ABRASCE[7],

> *"shopping center" é um centro comercial planejado, sob administração única e centralizada. Oferece um composto de lojas[8] atuando em ramos diversificados, comerciais ou de serviços, na sua maior parte objetos de locação, sujeitas a normas padronizadas contratuais. Deve ainda colocar à disposição do consumidor, estacionameto permanente, tecnicamente correto e suficiente* (Grassiotto, 2000, p. 70).

O shopping Catuaí, acabou de completar 10 anos de existência, em 21 de novembro de 2000. Empreendimento horizontal, com caráter super regional, instalado na periferia, possui 92.266m² de área total, sendo o primeiro do Paraná, e quarto do Brasil. É ancorado pelo supermercado Carrefour, Lojas Americanas, Casas Pernambucanas e Magazine Luiza. Tem 180 lojas, 13 quiosques, 5 salas de cinema multiplex, praça da alimentação, praça de restaurantes, praça de eventos, parque de diversões, bingo, boliche, boite, diversões eletrônicas, cursinho, centro de estética, e 2.300 vagas de estacionamento.

Com fachadas simples, apresenta em seu acesso principal, apenas um elemento pós-moderno de grandes dimensões, de altura dupla ou até mesmo tripla, uma estrutura de ferro e vidro transparente (Figura 31). Sem apresentar grande volumetria, com intensa horizontalidade, é totalmente revestido por elementos pré-moldados numa composição regular de quadrados, coloridos. De vez em quando, se percebe a presença de elementos pontiagudos, as pirâmides de iluminação zenital, que se espalham pelos corredores internos. Externamente, o elemento mais marcante é a qualidade do trabalho paisagístico, que aliado a floreiras, fontes, bancos e composição de pisos, oferecem uma agradável imagem visual, mostrando os vários acessos, que também estão demarcados pelos logotipos das empresas âncoras e mini-âncoras (Grassiotto, 2000).

O Catuaí,

> *é um espelho da arquitetura atual, uma arquitetura eclética. Tudo é usado. Nos interiores, muito material nobre, granito, madeira, vidro, espelho, aço, materiais cerâmicos de qualidade, e muita cor. É no espaço interior que aparece a criatividade do arquiteto brasileiro, que se inspirando mais na qualidade e pompa dos espaços europeus, cada vez mais propõe, espaços arrojados, grandiosos, de pé direito duplo, limpos, que nada deixam a dever para os estrangeiros* (Grassiotto, 2000, p. 245) (Figura 32).

[7] Associação Brasileira de Shopping Centers.
[8] Composto de lojas, mix ou composto de varejo diz respeito à porcentagem entre: a instalação de grandes lojas de departamentos; lojas de departamentos júnior; lojas de variedades; lojas de móveis; lojas de alimentos; especiarias e serviços de alimentação; e lojas de mercadorias gerais e vestuário.



Figura 31– Catuaí Shopping Center – fachada principal.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

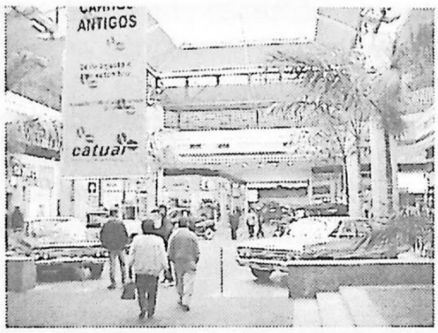


Figura 32– Catuaí Shopping Center – A praça de eventos com uma exposição de automóveis antigos.
Fonte: foto do autor, set. 2000.

O Shopping Royal Plaza por sua vez, foi implantado no coração da cidade, em seu centro tradicional, é vertical, de caráter regional. Possui 19.500m2 de área construída, 169 lojas, 15 quiosques, 2 cinemas, praça de eventos, área de brinquedos eletrônicos, praça de alimentação, cursinho, 6 escadas rolantes, quatro elevadores, sendo um panorâmico e apenas 400 vagas de estacionamento. Não possui lojas departamentais como âncoras.

Sua arquitetura se apresenta como um caixote fechado, com ar condicionado, ao abrigo dos ruídos da área central da cidade (Figura 33). Sem integração interior versus exterior, se apresenta como uma cidade em miniatura em seu ambiente interno, cheio de elementos visuais, espelhados e iluminação zenital (Figura 34). Externamente pode ser considerada uma obra pós-moderna historicista. Apresenta elementos do repertório greco-romano, trabalhados em uma linguagem renascentista, mostrando nitidamente as três partes de uma coluna, a base ornamentada, o fuste na forma dos planos de parede, e o capitel, ou coroamento, mostrados numa releitura com materiais nobres e atuais. Elementos diversos da memória coletiva de imagens e símbolos aparecem, como pórticos diversos em forma de arco ou triângulo, portais monumentais, janelas cegas, e outros artifícios que provocam grande efeito visual, conferindo à obra uma escala monumental, transformando-a numa referência.



Figura 33– Shopping Royal Plaza – fachada Rua Maranhão.
Fonte: foto do autor, jul. 2000.



Figura 34– O elevador panorâmico e as escadas rolantes do átrio principal.
Fonte: foto do autor, jul. 2000.

Com características diferentes em vários aspectos, desde a fase inicial da viabilidade do empreendimento, até a fase final de implantação e consolidação das propostas, cada um dos dois shoppings, contribuiu e continua contribuindo a seu modo, para a cristalização do caráter comercial e de serviços da cidade, e interferindo de forma decisiva no direcionamento do desenvolvimento e expansão comercial de Londrina. Neste sentido,

cada um deles merece ser visto em capítulo à parte. Ambos foram profundamente estudados levando-se em consideração os seguintes aspectos: o empreendimento; a localização (a nova centralidade do shopping versus o centro tradicional); o planejamento e o projeto, o lazer e o social no shopping; a arquitetura; o estacionamento; aspectos de ordem técnica; e pesquisa de campo (junto aos usuários consumidores).

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A EXPANSÃO DA CIDADE E SEUS ESPAÇOS COMERCIAIS

> *O primeiro eixo de crescimento da cidade, foi de leste para oeste, a partir de Jataizinho, passando por Ibiporã, Londrina, Cambé e chegando a Rolândia, sempre acompanhando a ferrovia e a rodovia. Esse eixo atualmente se definiu como região industrial, comercial e de serviços para os setores agrícola, de autopeças, oficinas e maquinários diversos* (Grassiotto, 2000, p. 208).

A expansão residencial, do comércio e serviços leves, no início também aconteceu de leste para oeste, mas logo mudou de direção cristalizando-se com já vimos, com o direcionamento norte para as camadas populares, e sul e sudoeste para as camadas de renda mais elevada. O centro tradicional, assim como a cidade, também desenvolveu-se ao longo do eixo da Av. Paraná, leste-oeste, na fase inicial, para depois expandir-se em direção ao sul. Ele se instalou em duas direções principais, a oeste pela Tiradentes e ao sul pela Duque de Caxias. O tentáculo da Higienópolis, mostra o comércio acompanhando sua freguesia e indo em direção ao novo shopping Catuaí.

A região do antigo pátio ferroviário localizado no "centro tradicional principal" da cidade, veio a se constituir na primeira área sujeita à deterioração decorrente do processo de industrialização, do advento do automóvel e do abandono do centro pelas camadas de alta renda. A construção da Av. Leste-Oeste (D. Geraldo Fernandes), no antigo leito da via férrea, foi uma tentativa de integração de todas as regiões da cidade, principalmente com intuito de eliminar a barreira norte-sul, e foi a partir desse momento, que se iniciou o processo de revitalização da área central (Grassiotto, 2000).

Como já foi dito, desde seus princípios, Londrina desenvolveu sua vocação como entreposto comercial, decorrente de sua localização estratégica, centro de uma região de ligação entre as cidades do norte e as grandes capitais. Ao invés de se industrializar, cresceu como prestadora de serviços, centro regional de compras, centro regional de cultura e lazer. Nesse sentido, acompanhou os grandes centros urbanos brasileiros, estando sempre na vanguarda. No tocante à arquitetura, não foi diferente. Londrina sempre esteve entre as cidades participantes de todos os movimentos arquitetônicos, possuindo exemplares representativos de todos eles. (Grassiotto, 2000)

Com a inauguração do Com-tour Shopping Center, (shopping regional) o primeiro da região sul, e o segundo no país, um marco para Londrina na época, apenas confirmou estar presente no circuito das vanguardas arquitetônicas, tendo motivado visitas de estrangeiros, que queriam conhecer a novidade em termos de edificação comercial, que nesse momento representou a pujança econômica da cidade.

A inserção da cidade no contexto nacional e internacional pode também ser avaliada, com a presença de obras em estrutura metálica de alta tecnologia, uma delas com projeto do renomado Ziegbert Zanettini, a concessionária de veículos Ford, Maracajú.

Em novembro de 1990, foi inaugurado o shopping center Catuaí, projeto imobiliário rigorosamente planejado, com base em pesquisa de viabilidade que hoje atende o mercado consumidor da região de Londrina. Instalado na periferia da cidade, na área de expansão das classes altas, foi o primeiro shopping a funcionar aos domingos, e a ter uma franquia da rede McDonald's em cidade média.

No final de novembro de 1999, surgiu o segundo shopping de grande porte, o Royal Plaza, bem no coração da cidade, no centro tradicional, na esquina das ruas Maranhão e Mato Grosso, e mesmo com pouco tempo de funcionamento já se observa alguns aspectos de sua contribuição para a revitalização do centro antigo.

Conforme já comentado, com a expansão da cidade e caminhamento das classes mais abastadas em direção sul e sudoeste, os bairros mais valorizados foram instalados nesse setor, indo em direção ao shopping Catuaí. Esse deslocamento levou consigo o sistema viário, o comércio, a infra-estrutura urbana, o lazer, e outros. Em decorrência dessa tendência, os maiores investimentos da cidade também têm acontecido nessa direção: a abertura da Madre Leonia Milito rumo ao shopping Catuaí; a construção do centro de eventos; a transposição dos córregos pela rua Maringá e paralelas; o aterro do Igapó; a abertura de um nova área para edificações de alto porte; tudo isso, reforçando o caráter nobre da região (Grassiotto, 2000).

Deve-se comentar, que os dois centros comerciais de maior porte da cidade, ao se instalarem,

causaram muitas alterações na estrutura urbana e nos hábitos da coletividade. *"Deslocaram áreas comerciais, provocaram verticalização, mudanças nas áreas residenciais, transformando o espaço econômico existente. Criaram novas condições de valorização, redefiniram áreas de circulação viária e a cada dia aumentam sua área de influência".* (Grassiotto, 2000, p.308-309)

O desenvolvimento da arquitetura comercial de Londrina, em direção às edificações de shopping centers, nada mais é do que um reflexo dos acontecimentos nacionais e internacionais em termos de espaços comerciais e tendências arquitetônicas.

Nesse momento deve-se salientar, que mesmo Londrina sendo uma cidade média, nessa era da globalização em virtude da velocidade das comunicações, sofre influências e comporta-se do mesmo modo que outras cidades brasileiras, passando por transformações características de uma típica cidade produzida pelo "mercado". Tendo sido pensada e realizada pela iniciativa privada, pode ser considerada uma cidade *"capitalista contemporânea"*[9], que sempre conviveu com a tradição local e a inovação. Sua proximidade com as grandes metrópoles, principalmente S. Paulo, propiciaram que ela sempre participasse ativamente das últimas novidades tecnológicas e se inserisse no contexto nacional e internacional com participação ativa no circuito das vanguardas através de experiências arquitetônicas e/ou urbanísticas. Deve-se acrescentar, que a presença de recursos financeiros, de homens empreendedores e de mentes criativas, trouxeram para cá obras inimagináveis para uma cidade normal de médio porte.

GRASSIOTTO, M. L. F. Aspects of architectural evolution in Londrina's commercial spaces. *Semina*: Ci. Soc. Hum., Londrina, v. 21, n. 3, p. 31-46, set. 2000.

ABSTRACT: *This article intends to present partial results in reference to a Research Project entitled: "Raising aspects of Londrina's commercial (promotional) architecture development: a case study". It was possible to identify along the research, four phases in the city commercial spaces evolution: the Pioneer phase where the architecture is made on wood; the Art-deco phase, when the commercial spaces presents characteristic elements on this style; the Modern phase, where le Corbusier's precepts appears in commercial spaces of this period; and finally the actual new Eclecticism, where the "shopping center" is the most characteristic building, which incorporates in itself, all tendencies in contemporary architecture. After describing the peculiarities of each phase, considerations are made respect toward city's expansion and it's commercial's spaces evolution, showing that Londrina suffers influence and behaves, just like other brazilian cities, passing through typical transformations due to cities born in a free market. The evolution of it's commercial architecture, just reflects the moment that the city is living, suffering consequences of the globalization "era", decurrent of great velocity in communications and, in this sense, is perfectly inserted in national and international context.*

KEY WORDS: *commercial spaces; commercial architecture; commercial evolution; tertiary development; tertiary sector.*

[9] Segundo Villaça (1998), nossas cidades têm agora, um traçado ortogonal, sem a presença de pontos focais. Surgiram sem a intervenção do estado, através do mecanismo do "mercado" e, Londrina está entre essas cidades que foram pensadas e realizadas pela iniciativa privada, geradas pelo capitalismo mercantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Nilo. Expansão do povoamento no Estado do Paraná. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.4, out./ dez. 1952.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL. *50 anos fazendo a história de Londrina*. Londrina, 1987. (Edição especial)

O COM-TOUR e sua pequena história. *Vida Ativa*. Londrina, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FRANÇA, Ari. A marcha do café e as frentes pioneiras. In: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL. Comissão Nacional do Brasil. *Guia de Excursão nº. 3*. Rio de Janeiro: 1960.

GIMPEL, José Luiz. *Administração de empresas varejistas no Brasil*. São Paulo: Atlas, 1980.

GRASSIOTTO, Maria Luiza Fava. *Espaços Comerciais:* a arquitetura em dois shopping centers de Londrina. 2000. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Evolução urbana de Londrina*. 1980. Monografia (Estágio) - Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1980.

PROJETO DE SERVIÇOS E INFORMAÇÕES UTILITÁRIAS. *Londrina em dados*.[mensagem pessoal].Mensagem recebida por <psiu@sercomtel.com.br> em 2000.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. *Guia da arquitetura art-déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Index, 1997.

SCHWARTZ, Widson. Poder emergente no sertão. Londrina: Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL); Midiograf, 1997.

VARGAS, Heliana Comin. *A lógica do espaço terciário:* o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. 2000. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel ; FAPESP, 1998.